O OCCIDENTE

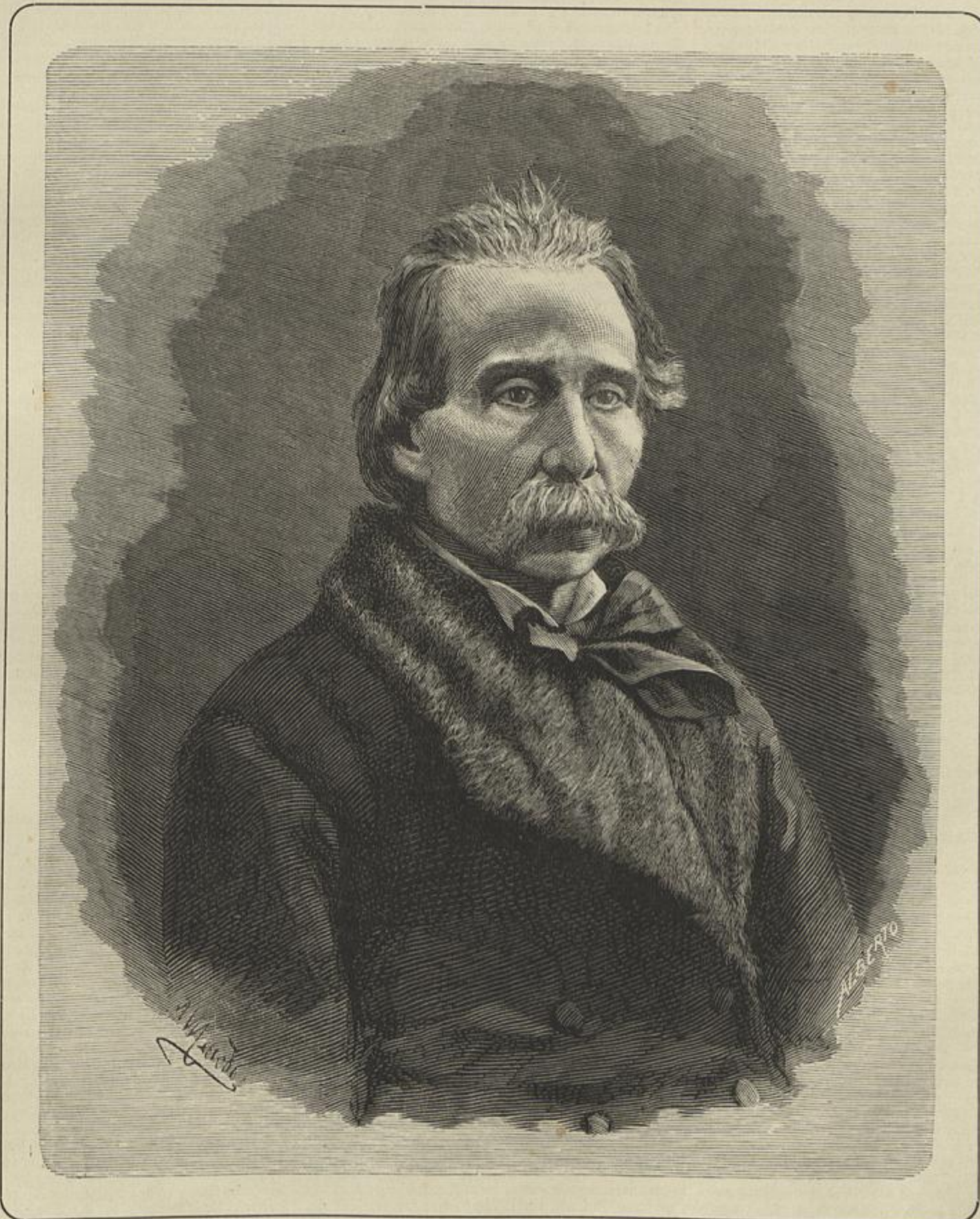
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 238

1 DE AGOSTO 1885

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

VISCONDE DE CORREIA BOTELHO, CAMILLO CASTELLO BRANCO (Segundo um retrato da photographia União, do Porto)

CHRONICA OCCIDENTAL

O sr. governador civil de Lisboa, o conselheiro Peito de Carvalho, acaba de prestar mais um relevantissimo serviço ao districto confiado á sua guarda, estabelecendo um posto-medico permanente no edificio do Governo Civil.

Já mais de uma vez tivemos occasião de fazer n'estas chronicas, elogios ao sr. Peito de Carvalho, pela maneira brilhante, zelosa e intelligente como tem governado o districto, e hoje vimos, como é dever nosso, registar esse grande novo melhoramento que tem Lisboa, e applaudir sinceramente o illustre funccionario, que com elle a dotou.

E escusado, parece-nos, encarecer as vantagens que resultam para a cidade, do estabelecimento de um posto-medico official, de serviço permanente; toda a gente comprehende facilmente essas vantagens, e centenares de pessoas, que afflictas, tem corrido debalde muitas noites a cidade toda, á procura de um medico para accudir n'uma occasião urgente, comprehendel-as-hão melhor do que ninguem.

No novo posto-medico do Governo Civil está a toda a hora do dia e da noite um medico para prestar o prompto auxilio da sciencia a todos que a elle se dirigirem: n'um momento de afflicção é escusado andar a correr a cidade inteira ao acaso da boa vontade de um medico humanitario; e se isto é de uma grande consolação para todos que n'um momento urgente procuram soccorros intelligentes, é tambem de um grande beneficio para os que padecem, porque é sabido de toda a gente, que os soccorros medicos prestados a tempo podem arrancar á morte muitos enfermos, podem evitar no principio muitas doenças gravissimas.

O sr. Peito de Carvalho, cuja nomeação para governador civil de Lisboa saudámos aqui com alegria, porque conheciamos bem a sua alta intelligencia, o seu claro criterio, e a sua dedicadissima boa vontade, tem justificado completamente todas as nossas esperanças.

Pondo completamente de parte a politica no exercicio dos seus deveres puramente administrativos, trabalhando dia e noite, com uma tenacidade unica no melhoramento dos serviços publicos, tem feito o melhor logar de governador civil do districto, que de nosso tempo temos conhecido, e tem merecido o applauso sincero, franco e imparcialissimo da imprensa de todos os partidos.

E esses applausos honram tanto quem os recebe como quem os faz.

Finalmente Lisboa tem onde passar estas noites quentes e insipidas do verão.

Desmanchado o Passeio Publico do Rocio, que jaula, gaiola ou picadeiro, ou quer que fosse que lhe chamassem, era no fim de contas o unico sitio onde Lisboa se encontrava e matava as noites, n'esta estação em que não se pode estar nos theatros, e em que tambem se não pode estar em casa, os pobres lisboetas que, ou por não poderem ou por não quererem, não vão por ahi fóra aproveitar estes mezes de ferias e de calor, em passeios agradaveis do campo e em saudaveis banhos do mar, ficaram sem ter na cidade um sitio qualquer onde passar as noites. A Avenida da Liberdade é escura, graças á fonice municipal que lhe fornece duzentas lamparinas em vez de lhe dar cem bicos de gaz, m s de gaz a valer, d'aquelle gaz que havia nas illuminações da Cêrca de Santo Antonio dos Capuchos, nas noites da *Kermesse*, ou pelo menos d'aquelle que ha na Boa Vista á porta da Companhia: a Explanada dos Recreios, começou, não sabemos porque, a não ser bom tom frequental-a.

D'ahi uma escassez absoluta de divertimentos e mesmo de passeio sem divertimento em Lisboa.

Finalmente o sr. Freitas Brito compadeceu-se dos pobres lisboetas e abriu-lhes as portas do Colyseu, que nunca mais se tinham aberto, desde que se fecharam sobre as recitas da companhia lyrica italiana, não contando uns rapidos e poucos concertos que alli deu o sr. Breton.

E, diga-se a verdade, d'esta vez o sr. Freitas Brito abriu-as com mais felicidade, ou pelo menos com muito mais direito a ella.

Em logar de nos dar outra vez operas italianas sediças, mediocremente cantadas, quando o adverbio não era detestavelmente, dá-nos zarzuela hespanhola, o que pode não ser muito melhor mas é com certeza muito mais divertido

Francamente, depois de termos passado todos os invernos a ouvir o *Trovador*, a *Traviata*, o *Rigoleto* e o *Hernani* em S. Carlos, bem cantados, e massadores, passar o verão a ouvir o *Hernani*, o *Rigoleto*, a *Traviata* e o *Trovador*, massadores e mal cantados, é tudo o que havia de mais tragico.

A zarzuela pode não nos maravilhar sempre, mas mesmo muito má que seja já não é o mesmo que nos fez bocejar todo o inverno em S. Carlos, ao menos tem a grande vantagem de ser outra coisa.

E para sermos justos, devemos confessar que a zarzuela que nos dá agora o Colyseu não é muito má.

Tem vindo a Lisboa com grandes reputações companhias que valiam muito menos do que esta pequena *troupe* de provincia que se apresentou sem pretenção alguma.

A prova evidente de que essa companhia é despretenciosa, é que em vez de vir logo para a capital com grandes ostentações de vaidade e ampla adjectivação de *reclame*, se contentou em ir modestamente, obscuramente, para a provincia, sem precisar dar nas vistas e fazer alarde dos seus merecimentos.

Depois, bem accolhida lá por fóra, enthusiasticamente applaudida nas provincias do norte, cobrou animo, e instada por Lisboa, avida de divertimentos, veio até cá.

E fez bem; por si, que ganha dinheiro e applausos; por nós, que temos finalmente um divertimento no meio da semsaboria da Lisboa de verão.

A companhia é pequena mas tem duas artistas de merecimento que tem sido o seu *successo* pelas provincias e que foram a sua salvação em Lisboa.

Essas duas artistas são a sr.ª Aponte e a sr.ª Negri. A primeira é uma bonita hespanhola — um bello *trunfo* já no jogo de uma artista — e além d'isso tem uma voz sympathica e agradavel: a segunda, a sr.ª Negri, é graciosa, tem uma voz rasoavel, e sabe aproveital-a com methodo, como por exemplo no rondó do *Campanone*, musica italianada, que ella cantou bem.

Do resto da companhia ainda até hoje não se distinguiu ninguem, a não ser o seu director, o sr. Maximino Fernandes, que representou com muito boa veia comica o papel de Campanone.

O reportorio que a companhia tem apresentado por emquanto, parece-nos menos bem escolhido: o *Campanone*, uma zarzuela com todas as pretensões a musica italiana, sem nada de caracteristico, sem nada de hespanhol, e a *D. Juanita* e o *Boccacio*, duas operas de Suppé.

Ora, parece-nos que uma companhia hespanhola teria tudo a ganhar em nos dar musica essencialmente e exclusivamente hespanhola.

Hespanhoes a cantarem musica italiana ou franceza, italianos a cantarem musica franceza ou hespanhola, estão completamente deslocados.

A mais obscura companhia franceza canta melhor uma opereta de Lecocq ou de Offenbach que os mais notaveis cantores hespanhoes, como os mais modestos cantores hespanhoes desempenham zarzuelas como não o podem fazer os mais illustres artistas italianos.

Ora porque demonio hão de ter todos estes cantores a mania de desempenharem mal com muito trabalho e sem nenhum effeito, generos que estão fóra dos seus recursos e das suas nacionalidades artisticas, em vez de desempenharem bem sem nenhum trabalho e com grande successo as operetas que lhes são proprias e que ninguem melhor do que elles podem fazer?

Comprehende-se que uma companhia d'opera comica portugueza tenha que fazer o seu reportorio com operas francezas, com zarzuelas hespanholas, com operetas buffas italianas, á falta absoluta de musica original caracteristica portugueza. Agora os hespanhoes que teem um reportorio tão rico, tão original, tão seu, os hespanhoes que teem Barbieri, que teem Arrieta, que teem Caballero, que teem Zapata, que teem Gaztzambide, que teem Yradier, que teem essas zarzuelas todas que elles cantam tão bem, que elles cantam como ninguem sabe e póde cantar, estarem a dar-nos Suppé, Lecocq, Offenbach, ou arremedos de musica italiana em que são, mesmo os melhores artistas hespanhoes, excessivamente mediocres, é d'um mau gosto, que nos prejudica a nós, porque nos priva de ouvir boas zarzuelas bem cantadas, e que os prejudica a elles pois lhes rouba as ovações e os applausos que essas zarzuellas lhe dariam.

E mesmo dentro do genero de zarzuella nos parecia conveniente fazer uma escolha, porque ha zarzuela e zarzuela; ha a zarzuela puramente hespanhola, a zarzuela cheia de malagueñas, de peteneras, de habaneras, de tangos, de seguidillas, a zarzuela encantadoramente caracteristica de que é um exemplar delicioso o *Barberillo de Lavapiés*, e ha a zarzuela melodramatica, cheia de pretenções, de duetos tragicos, de arias, de cavatinas, de concertantes á italiana, e que é geralmente uma massada enorme.

Fazendo esta escolha com bom criterio e tendo em vista o gosto e as predilecções especiaes do publico de Lisboa pela alegre musica hespanhola, as companhias de zarzuela que nos visitam teriam certo um grande successo de dinheiro e de applausos.

O theatro Chalet, um theatro barraca armado na Avenida da Liberdade, no local onde d'antes estava o theatro da Rua dos Condes, um theatro a que tem sorrido sempre a prosperidade, tem tambem agora a sua companhia hespanhola de zarzuela, uma companhia que nos dizem ser muito rasoavel, relativamente, e que lhe tem dado successivas enchentes.

Não vimos ainda essa companhia, mas os seus espectaculos são bem escolhidos, e tem apresentado um reportorio de zarzuelas em um e dois actos alegres e interessantes como a *Sensitiva*, o *Picio Adam & C.ª*, *Galina ciega* e finalmente o *Braberillo*.

Ha pouco tempo deu-se n'uma loja da rua do Ouro um facto original, que fez certa sensação em Lisboa. O dono d'uma loja de luvas, loja que teve grande celebridade em Lisboa no tempo em que houve luveiros celebres, a loja do Baron, foi um dia repellido do estabelecimento pelo caixeiro que se arrogou o titulo de proprietario. D'ahi intervenção immediata da policia, escandalo na rua, e depois questão nos tribunaes. O dono da loja era um francez alto, sympathico, de bigode e pera loura, e chamava-se Jorge Scheean; o caixeiro que se julgava com direito á propriedade do estabelecimento chama-se Rocha.

O facto foi muito falado em Lisboa, publicaram-se folhetos, correram versões varias de tentativas de suicidio por parte de Jorge Scheean, tentativas desmentidas depois pelo caixeiro Rocha; a questão entreteve por alguns dias as attenções do publico, depois passou exclusivamente para os tribunaes, sentença hoje, recurso amanhã, sentença depois, recurso no dia immediato e ninguem mais pensava já n'isso senão os interessados.

Infelizmente porém um tristissimo acontecimento tornou a pôr em evidencia, e mais do que nunca a questão da luvaria. O seu proprietario, o sr. Jorge Scheean, precipitou-se na manhã do dia 28 de julho da janella do quinto andar do predio da rua do Ouro onde estava a loja, para a rua, morrendo pouco depois.

Este suicidio foi muito falado em Lisboa e causou tanto maior estranheza quanto se sabia que as decisões dos tribunaes tinham até hoje sido favoraveis ao suicida e que os seus haveres eram bastante rasoaveis, calculando-se em setenta e tantos contos a sua herança.

No momento de fecharmos esta chronica recebemos um livro novo de auctor novo tambem, a *Georgina*, poema em sete cantos, pelo sr. Frederico A. Pereira.

A *Georgina* é a estreia litteraria do seu auctor, e uma estreia por um poema não é coisa muito vulgar.

O sr. Frederico Pereira chama ao seu poema, poema sentimental, o que quer dizer que a *Georgina* não se filia na escola moderna. A edição é muito bonita e vamos ver, com todo o interesse de curiosidade que nos merece sempre uma estreia, se a *Georgina* corresponde litterariamente á belleza da sua edição.

Gervasio Lobato.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

VISCONDE DE CORREIA BOTELHO

Só um homem com o genio prodigioso de Camillo podia ter a audacia que elle manifestou agora: chegar aos cincoenta e nove annos, e trocar o seu nome laureado de Camillo Castello Branco pelo nome de Visconde de Correia Botelho, que elle tem de illustrar, de nobilitar, de doirar com os prestigios com que se engrandeceu o seu primitivo nome. Pois a tarefa, que seria impossivel para outro, não é superior ás forças herculeas d'esse gigante litterario. Dêem-lhe o tempo sufficiente para escrever dois ou tres livros, e as gerações futuras dirão: — Os dois mais brilhantes prosadores portuguezes da segunda metade do seculo XIX foram Camillo Castello Branco e o visconde de Correia Botelho.

Se se podesse dividir comtudo entre os dois a obra vastissima d'este prodigioso escriptor, teria cada um d'elles o seu quinhão, e as duas feições especiaes d'este formoso talento ficariam claramente distinctas. A Camillo Castello Branco pertenceria essa deliciosa galeria de romances formosissimos que vae dos *Mysterios de Lisboa* á *Brazileira de Prazins*, passando por essas obras

primas que se chamam *Onde está a felicidade? Amor de perdição, Queda de um anjo, Doze casamentos, Novellas do Minho, Euzebio Macario.* Pertencer-lhe-hia ainda essa longa lista de livros de combate e de dissertações humoristicas sobre todos os assumptos imaginaveis, os prefacios do *Cancioneiro Alegre,* muitas paginas das *Noites de insomnia,* a *Espada de Alexandre,* e centenas de paginas immortaes, onde flammeja a veia satyrica do grande escriptor. Ao visconde de Correia Botelho ficariam pertencendo tantos livros valiosissimos de investigação historica, tantos subsidios preciosos para a nossa historia politica, social e litteraria, que elle precisou de cobrir com o manto ligeiro do romance, ou de bordar com os rendilhados da anecdota, porque receiava que o publico d'outra maneira lh'os não acceitasse. Essa feição do talento e do estudo profundissimo do grande escriptor é a que transparece n'aquelle magnifico livro que se chama *Lucta de Gigantes,* monographia historica das mais valiosas, é a que se manifesta no *Mosaico,* e no *Cavar em ruinas,* e nas *Coisas leves e pesadas,* e nas *Quatro horas innocentes,* e em tantos capitulos primorosos dos seus bellos romances historicos — o *Regicida,* e a *Filha do regicida,* e a *Caveira da martyr,* e o *Judeu,* e o *Olho de vidro,* e o *Santo da montanha,* e o *Senhor do Paço de Ninães,* e agora a *Maria da Fonte,* e n'uma boa metade emfim das *Noites de insomnia* e dos *Narcoticos.* Se se tem lembrado mais cedo de acceitar um viscondado, Camillo Castello Branco ficaria sendo o polemista energico e o apaixonado poeta, seria elle que faria saltar as lagrimas dos olhos das mulheres, ao contar-lhes os tragicos amores, que só elle sabe narrar com tão profundo sentimento. Seria elle o esgrimista atrevido, manejando como ninguem essa arma terrivel da ironia, cortando com o chicote implacavel a cara das suas victimas. Para firmar essas paginas, ora impregnadas de lagrimas, ora vibrantes de malicia, essas paginas dolorosas ou terriveis, alegres ou docemente commovidas, para contar os amores fataes de Thereza ou para descrever as aventuras de Calixto Barbuda nada melhor do que essas magicas syllabas do nome de Camillo Castello Branco, que teem como que uma resonancia eternamente juvenil. Para dar authoridade e força ás graves investigações historicas e archeologicas, em que o grande escriptor tem encontrado a solução de tantos problemas importantes, não póde haver nome mais bem escolhido do que o nome de visconde de Correia Botelho. Quando se pronuncia o nome de Camillo Castello Branco as leitoras phantasiam immediatamente um vulto elegante e desempennado, de olhar fatal e de longo bigode cofiado pela mão febril e nervosa que uma luva irreprehensivel calça. Tem a um tempo a voz quente e apaixonada, e as notas mordentes e ironicas. É Fausto, e é Mephistopheles, tem a paixão e o riso, o cantico e a satyra, a intrepidez diante dos homens, e a meiga submissão de escravo diante das mulheres. Quando se ouve o nome de visconde de Correia Botelho os leitores phantasiam immediatamecte um academico archeologo, um sabio genealogista de Traz-os-Montes, trabalhando na bibliotheca do seu solar de Villa Real, rodeado de manuscriptos pulverulentos e de ponderosos nobiliarios, redigindo n'um bello papel almasso sapientissimas memorias dirigidas pelo correio á Academia Real das Sciencias. A historia do prior do Crato contada pelo visconde de Correia Botelho tem uma authenticidade e gosa de uns creditos, que nunca poderia obter no mundo grave dos eruditos emquanto fosse simplesmente contada pelo auctor de *Basilio Fernandes Enxertado* e do *Carrasco de Victor Hugo José Alves.*

Ao percorrermos assim rapidamente a lista enorme das obras de Camillo Castello-Branco, pasmámos, como se a não conhecessemos ainda! Que talento tão malleavel! que espirito fecundissimo e vario! Como se reflectem n'aquella maravilhosa serie de livros todos os cambiantes do espirito dos tempos, e todos os caprichos d'aquella alma sempre inquieta! N'esse espelho magico reflectem-se com uma perfeição inexcedivel as varias fórmas do romance moderno. Ahi temos Camillo nos *Mysterios de Lisboa,* na *Filha e Neta do arcediago,* e em todas as obras que datam d'este periodo, manejando com um vigor notabilissimo a penna com que Frederico Soulié escrevia a *Confissão geral* e os *Dramas da rua de Provença;* depois na época que principia no *Onde está a felicidade?* e que chega á sua perfeição culminante no *Amor de perdição,* encontramol-o como que banhando-se com delicias nas aguas puras e limpidas do romance intimo, d'aquelle a que deve a França as paginas mais adoraveis de George Sand e de Octavio Feuillet. Como o escriptor vigoroso e terrivel que descreve os dramas do adulterio e do crime póde traçar ao mesmo tempo as paginas castas e suaves do *Bem e do mal,* um verdadeiro idyllio no genero do *André* ou da *Mare au diable* de George Sand! Depois acceita ainda o processo realista, o processo Zola, e escreve aquellas duas admiraveis *pastiches* do *Eusebio Macario* e da *Corja.* Emfim para mostrar que sabe, quando quer, e a valer, usar do processo novo no que elle possa ter de aproveitavel, traça na *Brazileira de Prazins* a extraordinaria scena dos preparativos de um assassinio, que pede meças ás scenas mais acabadas do *Assomoir.*

E no meio de tudo isto appareciam livros que só Camillo sabe escrever, que só elle sabe escrever em Portugal, e para os quaes não encontro mesmo facilmente parallellos na Europa: são os romances humoristicos no genero da *Queda de um anjo.*

Houve um tempo em que Camillo Castello Branco sentiu umas vagas tendencias religiosas, em que o seu genio obedeceu a umas inspirações mysticas, que lhe dictaram as *Horas de paz* e a *Divindade de Jesus,* que o levaram a traduzir n'aquella sua admiravel prosa Roselly de Lorgues e Baguenault de Puchesse Depois veiu o enthusiasmo pelos estudos historicos. Principiou a manusear livros velhos e a revolver os archivos, e os tombos das casas nobres. O estudo, que fez do modo de ser dos antigos conventos, e dos processos inquisitoriaes, arrastou-o para bem longe do mundo catholico e devoto. A escola liberal deve ás indignações da consciencia de Camillo livros como a *Caveira da martyr* e o *Judeu,* que são um protesto formidavel contra o atoleiro de lama e de sangue em que se affundou no seculo passado o fanatismo religioso.

E todas estas obras, o romance, o pamphleto, o drama, a historia, o livro ascetico, o folhetim em que maravilhosa linguagem são escriptas! Nunca a lingua portugueza se mostrou no nosso tempo mais nervosa, mais rica, mais malleavel, mais apropriada para n'ella se tratarem todos os generos, para d'ella se arrancarem todos os effeitos! Leia-se o *Regicida* por exemplo! Que propriedade de termos em descripções technicas, onde os nossos modernos escriptores se vêem forçados, a cada instante, a recorrerem a vocabulos francezes ou a francezismos intoleraveis! Camillo é um classico, mas um classico moderno. Não acceita a lingua de fr. Luiz de Sousa immobilisada na sua perfeição quinhentista, não acceita mesmo a lingua de Antonio Vieira, apesar da sua prodigiosa riqueza de formas; tomando-a porem por ponto de partida, fal-a caminhar e adapta-a ás exigencias modernas. Não o conseguiu sem esforço. Por muito tempo o archaismo predominou na sua linguagem, mas hoje a lingua dos livros de Camillo é o verdadeiro portuguez moderno, modelo admiravel da perfeição suprema.

Essa opulencia de linguagem só tem por igual a riqueza do seu estylo. E essa riqueza não consiste na prodigalidade da imagem, e no abuso da palavra colorida. É rico porque satisfaz promptamente e com abundancia todas as exigencias do seu altissimo espirito. É de drama que se trata? A phrase pungitiva e lancinante penetra no mais intimo do nosso coração, até nos sugar todas as lagrimas que só as catastrophes reaes conseguiriam arrancar-nos. Trata se da satyra? Deus do ceu! Execuções como as que faz Camillo ninguem nunca as sonhou sequer. Chove sobre a victima uma saraivada de chicotadas, que a cega, que a atordôa, que lhe cinge o corpo com um verdadeiro cilicio. Não é chicote, é *knout,* é o *nine-tails-cat,* é o inferno! As phrases mais imprevistas, os epigrammas mais desesperadores os improperios mais originaes caem como granizo sobre o desgraçado, que tem afinal de se rojar aos pés do flagellador, pedindo misericordia!

Este escriptor admiravel, que ha-de ser a eterna gloria do Portugal do seculo XIX, caminhou durante a sua vida inteira, sem que o mundo official mostrasse saber que existia n'este pequeno torrão esse extraordinario genio! Foi uma felicidade para o mundo official que Camillo Castello Branco se resignasse a acceitar um titulo de visconde! Pouco vale a mercê, mas ficou valendo muito, quando o parlamento em massa se levantou, aproveitando o ensejo para prestar ao eminente escriptor uma homenagem de consideração e de respeito. Póde vêr então Camillo, que, apesar de todos os resentimentos que possa ter provocado a sua satyra implacavel, que, apesar de todas as calumnias e de todas as invejas, o seu genio impõe-se de tal forma, pelo seu proprio brilho e pela sua força, que, apenas elle appareceu por um instante no mundo official, a nação inteira se curvou para lhe fazer, em plena camara, uma verdadeira apotheose parlamentar.

Pinheiro Chagas.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA PAISAGEM DE VIDAGO

A graciosa paisagem que publicamos, é copia de uma photographia da ex.ma sr.a D. Margarida Relvas, filha do notavel photographo-amador sr. Carlos Relvas, e como seu pae, uma artista consumada pelo bom gosto e arte com que escolhe o assumpto dos seus clichés photographicos, e mestria com que os executa, dando-nos provas deliciosas, verdadeiros quadros, com bellas linhas de composição e contraste, procuradas em plena natureza, com arte e talento.

A photographia assim tem todos os attractivos de uma arte que nos captiva, que nos deixa ver atravez do processo mechanico da photographia, o espirito do artista que se serviu d'esse mechanismo, tirando d'elle todo o partido possivel, e apresentando em vez da photographia parada e monotona de tons, paisagens vivas, cheias de côr e compostas com mão de paisagista.

A gravura que publicamos é uma prova do que deixamos dito. Reproduzindo uma formosa paisagem dos arredores de Vidago, é um quadro perfeito pelas linhas de composição, pelo colorido, pela luz habilmente aproveitada, em occasião propria, para dar ao quadro todo o relevo e toda a optica de uma obra de artista.

De Vidago nada temos a accrescentar ao que se disse a paginas 174 do v volume do OCCIDENTE, em que o sr. Francisco Justino Marques Nogueira publicou um desenvolvido artigo a respeito d'esta aldeia, celebre pela excellencia das suas aguas medicinaes, e pelo notavel estabelecimento da empresa d'essas aguas, de que tambem publicámos gravura a paginas 176 do refetido volume.

PIA BAPTISMAL DA SÉ DE COIMBRA

Entre os primores artisticos lavrados em pedra, que se encontram dessiminados pelo paiz, muito especialmente nos monumentos religiosos, attestando o cultivo da esculptura em pedra, desde os tempos mais remotos, em Portugal, destaca-se muito notavelmente a pia baptismal da Sé de Coimbra, que faz o assumpto da gravura da 8.a pagina.

É realmente primorosa na forma e nos lavores como não conhecemos outra em Portugal.

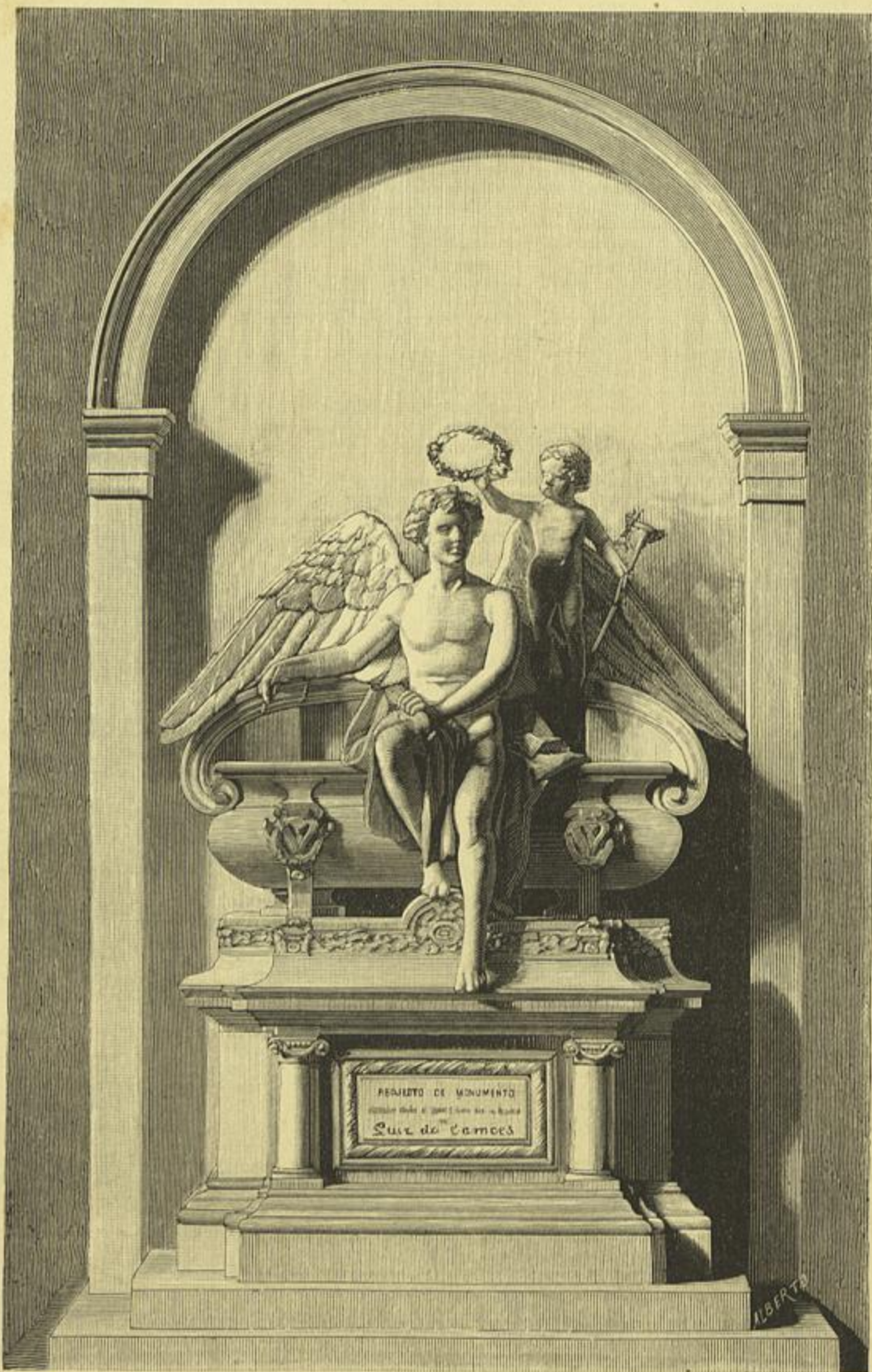
Foi mandada fazer pelo bispo D. Jorge d'Almeida, pois tem esculpidos na pedra os brazões d'este prelado, e pertencia á Sé Velha de Coimbra, tendo depois vindo para a Sé Nova, onde se acha actualmente, e onde póde ser vista pelo viajante curioso e amador de preciosidades artisticas.

TUMULO PARA CAMÕES

Um sincero artista d'alma, amantemente entregue á Arte com uma especie d'exclusivismo feroz; ruminando aferradamente na sua officina solitaria varios projectos interessantes, que não tardam a apparecer traduzidos no barro molle, em minusculas composições que se diriam notas, apontamentos para largos emprehendimentos futuros, realisaveis n'algum dia de desafogo aureo e glorioso; preoccupando-se apaixonadamente pela organisação do ensino, e pelo funccionamento sensato da nossa administração de bellas-artes, com uma nobre independencia que protesta resolutamente por entre as inepcias dominantes, os desmantelamentos enervantes, e as desoladoras ausencias de zelo e de senso artistico; batendo com a cabeça cheia d'altivos sonhos ousados contra os obstaculos crueis, que se enredam e crescem e se labyrinthisam, atam, paralyticam e asphyxiam todas as idéas d'alto vôo n'este meio tacanho e ingrato; não succumbindo, talvez, sob o desalento das horas d'amargura, porque o consola justamente o orgulho fortalecedor de haver já produzido obras, como, escolhendo, esta vaporosa, alada, risonha e amavel *Poesia lyrica,* e este robusto, energico, e potente *Genio da independencia;* ainda cercado d'uma absurda obscuridade, que a alguns espiritos lucidos vae parecendo acintosa; e recordando-se, em compensação, da estima conselheira e amiga do seu *maître* Guillaume, o celebre estatuario francez, e das confraternas palavras d'estimulo e d'elogio de homens da estatura de Mercié; — tal é, apresentado ou esquissado em toscos traços caracteristicos, alguem que ajuda a sustentar e illustra a pobre arte mal medrada n'esta secca terra portugueza, o convicto e valente esculptor Alberto Nunes.

Para os homens que vivem pensando e creando, a obscuridade é como uma d'aquellas tenebrosas

grutas, que se encontram pelas ilhas vulcanicas, e que apresentam escancaradas traiçoeiramente, ao sol, enormes bocas mysteriosas de monstros, para onde as aves ebrias d'espaço resvalam doidamente, indo ao fundo encontrar a morte na condensação tragica de vapores que amortalham estagnadas lagôas d'inferno. Só resiste ao infame abysmo negro quem sabe esforçadamente manter-se nas alturas azues. Ora, parece-me evidente que Alberto Nunes marcha pelo caminho do triumpho, porque, firmado o seu nome soberbamente em trabalhos d'amplo folego, não adormece quando lhe chega a insalubre ociosidade forçada, e trabalha tenazmente nos esboços de bellas cousas, que afinal, embora desherdados da execução ambicionada,

BELLAS-ARTES

TUMULO PARA CAMÕES — PROJECTO PELO ESCULPTOR ALBERTO NUNES (Segundo uma photographia de Rocchini)

ainda hão de servir como pequenos documentos melancolicos do seu talento.

Justamente, porque o artista soube e viu que os problematicos restos de Luiz de Camões estão, nos Jeronymos, alojados vergonhosamente n'um reles caixote de pau, vem o seu mais recente projecto a ser para um tumulo monumental, onde honestamente se guarde a ossada do egual dos maiores poetas. Ninguem espera decerto algum monumento d'envergadura miguelangelesca; esta chata era que corre não convida a planos gigantescos, e o artista, antes de tudo, tendo naturalmente em vista o exito pratico da sua obra, tratou de reduzil-a ás mais humildes proporções — de barateza, sem sacrificar ou amesquinhar, é claro, a pura arte. Delineou n'um estylo renascença elegante e harmonico o grande tumulo, — que deve entrar n'um dos arcos interiores do claustro dos Jeronymos, e será, segundo a tenção feliz d'Alberto Nunes, construido pittorescamente com diversas pedras de côr nacionaes, emquanto que na lapida ficarão gravados alguns versos apotheosadores d'um contemporaneo como João de Deus, por exemplo, — aquelle que, com Camões e Garrett, compõe a superior trindade dos poetas refinadamente portuguezes. Em cima, n'esse vasto e ornamentado socco funerario, assentou a rija figura

esbelta e viril d'um genio pensador, que medita inspiradamente com a olympica fronte erguida, ao tempo em que a posteridade symbolicamente representada por uma creança que ri, pousa perto do seu hombro esquerdo, e vae cingir-lhe a cabeça poderosa da corôa da victoria. — E isto, que parece tão simples, forma um conjuncto admiravel e verdadeiramente monumental.

Apenas cinco contos são precisos para pôr em pé o tumulo projectado por Alberto Nunes. Mas como convem contar previdentemente com que a fabulosa e abstrusa entidade chamada Estado não se resolva a gastar essa quantia modesta, que considerará provavelmente um desperdicio pavoroso qualquer governo de hoje, educado grosseiramente e callejado na corriquice politica que anda idiotisando o paiz d'uma maneira abjecta e torpe, sempre aventuro chãmente um alvitre: — que todas as pessoas que se encorporaram na procissão civica do tricentenario, assim como todas as que gosaram esse epico espectaculo, se cotisem, desatem patrioticamente os nagalhos da bolsa, e com miudas bagatellas innumeraveis, que talvez dentro em pouco vão além da somma estreitamente necessaria, contribuam para a execução do magnifico tumulo de Camões. Veriamos assim uma extraordinaria subscripção publica, em que a gratidão popular tributaria a sua palpavel moeda, glorificando por uma nova manifestação positiva o Poeta nacional, cujos ossos, já tresmalhados, achariam emfim o seu legitimo logar de repouso n'uma obra-d'arte consideravel; ao passo que esta, por sua vez, representaria fidalgamente uma permanente memoração duradoura das proprias festas camoneanas. Vamos, boa gente lusa, minha irmã, um generoso movimento de coração! Que, pela parte que me toca, eu aqui confesso lealmente que, d'uma janella da rua Augusta, me regalei de ver o esplendoroso cortejo triumphal.

Monteiro Ramalho.

José Ferreira Pestana — Fallecido em 12 de junho de 1885
(Segundo uma photographia de Camacho)

JOSÉ FERREIRA PESTANA

I

Mal conheci José Ferreira Pestana e muito menos pensei em lhe escrever o necrologio.

Tinha uma grande veneração por aquelle velho, porque sabia de alguns factos da sua vida que o elevavam acima do nivel vulgar, tanto em dotes de intelligencia como em dotes de coração. Sabia vagamente que elle fôra um grande martyr da liberdade, tendo-se sacrificado por ella como tantos outros companheiros que, com elle, partilhavam das mesmas idéas — o libertar a patria do jugo despotico que a opprimia.

PORTUGAL PITTORESCO

Uma paisagem de Vidago (Segundo uma photographia da Ex.ma Sr.a D. Margarida Relvas)

Nunca pensei, porém, que aquelle venerando velho, que algumas vezes vi, tivesse uma biographia tão gloriosa, como acabo de reconhecer nos apontamentos que tenho sob os meus olhos, e que dariam margem para um grosso volume, quanto mais para uma breve noticia biographica que acompanhe o retrato que o OCCIDENTE hoje publica em suas paginas.

Não é preciso fazer grandes estiradas rethoricas para encher espaço, suprindo a insufficiencia de factos; bem ao contrario, é preciso poupar aquella para que estes não pareçam demasiado longos e fatiguem o leitor.

José Ferreira Pestana, nasceu em fins do seculo passado; corria o anno de 1795 aos 26 de março, viu a luz na cidade do Funchal, da ilha da Madeira. Seu pae era o capitão-mór da Ribeira Brava, Manuel Ferreira Pestana e sua mãe D. Anna Thereza Soares Pestana.

Aos 20 annos de edade, depois dos primeiros estudos feitos na sua terra natal, e de ter sentado praça de cadete no batalhão de artilheria do Funchal, veiu para a Universidade de Coimbra onde se matriculou na faculdade de mathematica e de philosophia.

Foi premiado em todos os annos, sendo proposto por distincção, para se formar gratuitamente doutor, o que assim foi ordenado por carta regia de 6 de março de 1820.

No anno seguinte, em 1 de março de 1821, foi nomeado professor de sciencias mathematicas na escola do Funchal.

Como se lê voltou á sua terra natal, e alli gosava de todas as sympathias que o seu bello caracter despertava em todos que o conheciam. Na mesma terra em que nasceu ahi escolheu esposa para com elle partilhar da sua sorte, e nunca houve partilha tão egual entre casados, como foi esta, porque essa esposa foi uma fiel companheira de Pestana, foi mesmo uma heroina que não o abandonou um momento, durante as crueis provas porque passou o illustre liberal.

Era D. Mathilde Euphemia Lecor, filha do brigadeiro Jorge Frederico Lecor, a esposa de Ferreira Pestana cujo casamento se verificou a 22 de novembro de 1824.

N'esse mesmo anno vieram os dois esposos para Coimbra, sendo Pestana nomeado ajudante do observatorio da Universidade, emprego que desempenhou até 1828.

Por este anno, a 22 de maio, rebentou uma revolução liberal em Coimbra, em que Ferreira Pestana tomou parte muito activa, no posto de tenente da 6.ª companhia do batalhão Academico.

Principia aqui a sua vida de lucta e de trabalhos, sob a perseguição do governo despotico de D. Miguel, e mais infeliz que outros que poderam fugir ás perseguições, foi preso e encerrado na cadeia da Relação do Porto, onde se achavam já muitos liberaes soffrendo as consequencias de reagirem contra o despotismo que avassalava a patria e atrophiava as mais nobres aspirações.

Principia, tambem, aqui a dedicação de sua nobre esposa, que posto não fosse encerrada na prisão com seu marido, partilhava de todas as dôres que o affligiam e luctava com uma verdadeira heroicidade, por libertal-o e soccorrel-o, arrostando para isso com os maiores perigos.

Veiu a Lisboa implorar clemencia e protecção da infanta D. Maria da Assumpção, a irmã mais dilecta de D. Miguel, a quem elle mais attendia, e respeitava pela natural bondade de que era dotada e pela lucidez do seu espirito.

A recommendação que obteve do paço sempre lhe valeu o não ir seu marido morrer na forca, como lhe estava destinado, e o ser-lhe commutada esta pena em degredo perpetuo, depois de dar tres voltas em roda da forca onde alguns dos seus companheiros iam ser suppliciados.

Cumpriu Pestana a segunda parte d'esta sentença, de alva vestida e de corda ao pescoço, e alli por não poder nem querer encarar com o supplicio por que estavam passando os seus companheiros, isso lhe valeu levar uma bofetada de um scelariado realista, para que abrisse os olhos e encarasse o cadafalso!

Pouco tempo depois d'esta horrivel tortura veiu Ferreira Pestana para Lisboa, onde o esperavam novos tormentos antes de seguir para o degredo.

Em a noite que chegou ao Tejo, foi recolhido em uma casa de Porto Franco, fechado em um quarto, sem alimento nem agua, extenuado e debilitado por tão longos soffrimentos esteve a pontos de morrer de sede, se de um quarto contiguo lhe não acudissem com uma pouca de agua que lhe ministraram atravez da fechadura, com auxilio de uma seringa.

D'alli passou á torre de S. Julião a 2 de novembro de 1829 e a 16 do mesmo mez embarcou para Loanda, terra do seu degredo, na charrua *Maia Cardoso*, acompanhado por sua esposa.

(Continúa) C. A.

CARTAS DO ALEMTEJO

III

Lisboa. Um dia no Piornal

Ainda se desenrolam aos meus olhos os horizontes illimitados do Baixo Alemtejo. Ainda conservo no ouvido a musica crystalina entoada pela natureza aos primeiros raios da manhã. Parece-me que o suão ainda atravessa os desertos immensos e me beija a face, e que o sol, que eu adorei n'uma idolatria selvagem, continua a fixar em mim o mesmo olhar suave e matutino.

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 237)

V

Os carniceiros de carne humana

Desde aquelle momento uma unica idéa occupou o seu espirito. Desfazer-se do homem de fato de pelles e libertar Ondina.

Os quatro companheiros d'aquella noite fatal eram o *Mata-Judeus*, o *Trovão*, o *Lingua de prata* e o *Braço de ferro*.

—Visto que te associaste com a gente, lhe disseram elles, é necessario que te baptisemos. Ficarás sendo o *Frade*.

E porque estivessem bem industriados no papel que lhes cumpria desempenhar, disse-lhe um d'elles, o *Mata-Judeus* que Ondina se vira constrangida a viver com aquelles malfeitores; que muitas vezes desejára abandonar a caverna, mas que primeiramente o seu amor filial e depois o receio de incorrer nas iras do homem com quem seu pae se compromettera, a impediram de realisar esse desejo ardente.

Como se não fosse bastante isto, exaltou-lhe as qualidades e lastimou que a sua mocidade e a sua belleza se condemnassem perpetuamente a arrastar uma existencia de aventuras criminosas, cujo fim seria incontestavelmente desastroso.

Na tribu não havia rapariga que se lhe comparasse, e porque era formosa e tinha a frescura da mocidade e os attractivos da belleza, facil lhe era fazer-se amar de pessoas abastadas, que ella, com uma arte em que o proprio pae a industriára, attrahia a sitios isolados, onde os desgraçados, em vez do amor sonhado, iam encontrar a morte certa, se as familias lhes não acudissem, resgatando-lhes a vida por quantias fabulosas, que elles arbitravam a seu prazer.

Tinha dado grandes interesses aos seus, e podia, segundo a phrase do *Mata-Judeus*, ser pesada a ouro, porque não se lhe fazia favor nenhum.

Nem tanto era preciso para que um incendio infernal se ateiasse no coração do pobre rapaz.

Quanto acabára de ouvir tudo eram cousas ignobeis, e mal comprehendia como uma organisação formada para o bem se poderia conformar com o desempenho de tão odiosos papeis.

Protestou, mas inutilmente.

Lembrou diversos alvitres a fim de libertar Ondina, mas aquelles quatro companheiros, que se lhe haviam mostrado mais affeiçoados, só tiveram gargalhadas para responder ao seu generoso appello.

Entretanto foi-lhe dado assistir ás scenas sanguinolentas da floresta, e mais de uma vez teve de tomar parte nos assaltos que frequentemente se faziam aos passageiros.

N'essas occasiões é que o homem do fato de pelles desenvolvia todos os seus instinctos carnivoros.

Era elle o matador dos desgraçados que caíam nas mãos d'aquelle bando de miseraveis.

E quando acertava de colher bom resultado d'estes assaltos, elle, regosijando-se, dizia com uma satisfação selvagem:

— Ah! rapazes, temos carne fresca para toda a semana.

Era uma tregua de oito dias. Ninguem saía então á estrada e cada qual entregava-se aos prazeres que imaginava.

O *Frade* detestava esse homem, mas havia-se habituado com o tempo áquelle modo de vida e adquirira em pouco os vicios da sua nova profissão.

Desenvolvera mesmo certas qualidades inventivas, que lhe começavam a dar alguma superioridade entre os seus companheiros.

Elle apresentava planos de assalto ás casas dos lavradores ricos e estava sempre ao facto do movimento de passageiros nas estalagens mais afamadas.

Tudo isto provocava no seu antagonista uma rivalidade mortal, que a cigana habilmente explorava.

As cousas chegaram aos ultimos extremos.

Aquelles dois homens em poucos mezes de convivencia passaram a encarar-se como iguaes.

Se aos ardis do *Frade* não escapava um unico passageiro na estrada que não fosse roubado, á ferocidade do homem do fato de pelles nenhum d'elles se gabaria de escapar com vida.

Espalhou-se por aquelles arredores tal panico que o general das armas, de accordo com as auctoridades locaes, resolveu empregar todos os meios de que era possivel dispôr, para dar caça aos ciganos que infestavam a provincia.

Publicaram-se editos e pozeram-se a premio as cabeças d'esses miseraveis.

Chegára portanto para elles a hora da expiação. N'aquella pequena colonia de vagabundos levantaram-se geraes clamores contra o homem do fato de pelles.

Ás suas crueldades attribuiram muitos a perseguição de que iam ser victimas.

Era um estado anarchico. As rixas entre elles succediam-se a cada momento, e em vez de conjurar todas as suas forças contra o inimigo commum que os ameaçava, exterminavam-se assim uns aos outros em luctas sangrentas e terriveis.

O *Frade* achou um pretexto para fugir, sem que a sua ausencia dispertasse suspeitas. Esse pretexto era o medo, e ninguem estranhou que elle se arreceiasse de ter a sorte desagradavel de ficar na ponta de alguma sevilhana de legitima tempera, porque houvera dado sempre mais provas de astucia que de coragem.

Antes, porém, de ausentar-se, elle promettera a Ondina que havia de voltar para a salvar.

Quando e como, é o que não explicou, mas supplicou-lhe que se oppuzesse a toda a idéa de abandonar a caverna e de emigrar para além da fronteira.

Deixando as cousas assim prevenidas, dirigiu-se á capital da provincia, onde era a séde do general das armas.

Como lhe chamassem o frade, não o querendo parecer, entendeu que seria agora um habito de clerigo o melhor disfarce que poderia adoptar na presente conjunctura.

Escolheu pois o habito de uma ordem mendicante, que lhe ficava a matar, e assim se foi seu caminho.

Quando chegou ao seu destino levava a sacola bem fornecida de esmolas e ia, louvado Deus, bem regalado de corpo e alma, porque, pelas povoações por onde passava, todos á porfia se disputavam a honra de o receber e obsequiar.

Um lavrador, a quem elle ajudára a roubar na caverna, insistiu em que o benzesse, queixando-se de que um visinho seu lhe dera quebranto, e regalou-o ao depois com o melhor vinho da adega e os melhores paios da sua dispensa.

E digam que o habito não faz o monge.

Na verdade elle achava-se optimamente dentro d'aquelle que trazia vestido, e começava a comprehender de um modo pratico que no fim de contas o seu parente da Rua Nova dos Ferros, não era tão barbaro e desarrasoado como a principio se lhe afigurára, e que o tolo havia sido elle em não lhe acceitar a tempo os conselhos, porque de facto não havia melhor vida do que era aquella.

E para o que, vissem como elle, sem arriscar cousa alguma, levava um no sacco e outro no papo, accommodando optimamente honra e proveito no mesmo alforje, o que a muitos se afigurava impossivel e elle ia realisando, sem forçar ninguem, e ainda deixando a todos muito agradecidos e penhorados.

Sob tão bons auspicios se apresentou ao governador das armas, um velho fidalgo de provincia, em decadencia de fortuna e de saude, cujos padecimentos o traziam, de ha muito, mais cuidadoso da morte e cousas da alma, que da vida e obrigações do cargo.

O capellão do fidalgo é quem superintendia nos negocios da obrigação do amo.

Elle punha e dispunha em todas as cousas da militança, por modo conspicuo e sabio, que não deixava nada a desejar.

O chiar das noras e o guisalhar dos machos monotonisam ainda a balbuciação da madrugada e a harmonia orchestral dos bandos de passaros que vôam, e o estalido da roupa nos tanques das hortas, e o ruido surdo do passo vagaroso dos bois, como que repercutem no meu ouvido e dão ao meu organismo a sensação da realidade presente.

É por isso que o espirito deseja condensar aqui as impressões accumuladas e que eu chamo ainda *Carta do Alemtejo* a estas palavras, que escrevo em Lisboa.

*
* *

Ao mesmo tempo invade me profundamente o tedio da cidade, que ás vezes me absorve esta alegria immensa. Hoje, por exemplo, madruguei muito cedo e, tentando reproduzir o habito adquirido, levantei-me para sair. As exhalações mephiticas da atmosphera coada atravez das ruas estreitas e das casas sujas envolveram-me e opprimiram-me, como se uma grande mão de ferro pesasse sobre mim.

Subi a uma das imminencias da cidade para a contemplar de lá, desafogadamente.

Que tristeza! Ou a melancolia abatera muito o meu espirito, ou a natureza caprichara em mostrar uma das suas manhãs mais tristes e mais pesadas. Era feito de chumbo o ambiente que me asphixiava.

N'estes momentos sente-se opprimido o cerebro, e os objectos que nos cercam apparecem debaixo de outra perspectiva e affectam-nos d'uma forma triste e ás vezes phantastica.

É talvez por isso que a cidade baixa, envolvida n'um manto nebuloso, apresentava ao meu olhar o aspecto sinistro de um grande cemiterio, cortado de ruas symetricas de mausoleos e fechado ao sul pela bacia do Tejo, que parecia o vasto repositorio das lagrimas choradas.

A estatua do imperador, erguida na sua columna esguia, e tendo a esta hora o quer que fosse de estatua da morte, como que assignalava um grande jazigo, e o Rocio, fechado pelos quatro lados, dava com effeito ideia de uma habitação aristocratica de cadaveres. Do outro lado do rio descobriam-se aqui e alli moinhos de vento que agitavam as azas como passaros noctivagos; os montes que orlam a margem erquerda do Tejo tinham o aspecto de uma grande muralha tosca que cerrasse por aquelle lado uma prizão de selvagens, e os navios, baloiçando-se amarrados aos seus postes, lembravam com effeito prisioneiros acorrentados esperando com impaciencia o alvorecer do dia. As arvores — os grandes vegetaes que alegram os meus dias tristes — espalhadas pelas elevações extremas da cidade, affiguravam-se-me grandes borrões de tinta alastrados no horizonte, e ao escutar o canto das aves, que cortavam em bandos o espaço, eu julgava ouvir o grasnar de corvos que estivessem a revolver ainda o cadaver quente da noite. As cruzes isoladas ao alto das velhas egrejas descreviam no ar *silhouettes* phantasticas e tornavam mais funebre o aspecto da vasta necropole.

Quanto mais o prisma se alongava mais se abatia o meu espirito; desalentado, olhei para o azul como para um refugio, e o disco flacido e purpurino do sol, que se erguia do seu colchão de nuvens, pareceu-me vel-o ensopado em sangue, a tremer, como uma victima nas convulsões da agonia.

*
* *

A luz da manhã dessipou as nuvens da alma e as do espaço. E é no estado de repouso que o espirito tem a visão lucida, presente, e ás vezes saudosa das coisas passadas.

Abatido, queria erguer-me pela recordação tranquilla dos dias alegres e despreoccupados que passei no campo, na intimidade da natureza.

O dia do Piornal! Talvez o mais formoso! Recordal-o era uma alegria e uma necessidade.

N'estas horas como nos enche o egoismo dos jubilos concentrados! como nos enfastia tudo o que é extranho á ideia que nos absorve!

Recordei esse dia. Ergueramo-nos muito cedo. A manhã convidava. Monsaraz, d'uma renitencia proverbial na questão de madrugar, d'esta vez dera o exemplo.

Ás quatro e meia, eu, elle, o dr. Rojão e dois amigos mais entravamos no trem que ia levar-nos a duas leguas de Reguengos — ao monte do Piornal. Alemtejo com tons de Minho — o terreno que atravessámos.

Ora florestas de azinheiras intervalladas de grandes penedos lavrados de musgo, ora extensas hortas e quintaes recheiados de vegetação fresca; aqui, o monte de um lavrador com o seu largo pateo, onde, n'um convivio innocente, pareciam gozar a manhã arvores inquietas, creanças nuas e animaes domesticos; perto, uma ribeira secca ladeada de juncos e alandros com as suas bellas flores vermelhas como cactos; depois ondulantes searas amarellas que pareciam ao longe a epiderme elastica e macia da terra e, ao passo que mais nos approximavamos, os castellos de Mourão e Monsaraz dominando a area que o nosso olhar abrangia e os terrenos de Hespanha que principiam a estender-se para lá do Guadiana.

Seis horas quando chegámos.

Ergue-se n'uma elevação de terreno a moradia da propriedade que iamos visitar.

Faziam-nos a honra da recepção a esposa do lavrador e os pequenos.

— Meu marido espera-os lá em baixo na horta — disse ella, depois dos cumprimentos trocados.

— Pois vamos ter com elle — respondemos.

E dirigimo-nos para a horta.

A meio caminho, n'um longo corredor formado por duas filas de oliveiras, e que dá entrada para

---

Nem as armas da provincia perdiam nada com a substituição.

O capellão era muito mais homem de guerra do que o fidalgo.

A verdade deve dizer-se.

Mais ainda. Era homem de muita mais acção e politico consumado. Correspondia-se com os jesuitas e pensava em muitas cousas tendentes á restauração da patria e reconquista dos *benefes* da sua classe, espoliada pelas restaurações violentas do conde duque de Olivares.

Vejam onde ia o padre e onde ficava o governador!

O governador acolheu o supposto frade mendicante com muito bondade e doçura e ao ouvir da bocca d'elle a qualidade do negocio que o trazia, alli, mandou-o logo para o capellão.

Era o caso de encontrar a ronda com a justiça.

Mas d'esta vez ainda a sua boa estrella o guiou a seguro porto.

Recebeu-o o capellão ás mil maravilhas e tratou-o como de egual para egual, na melhor boa fé, muito bem impressionado da bella apparencia do moço religioso que tão cedo deixára a vida do seculo pela grossa estamanha do seu habito de clerigo pobre.

De que se tratava então?

De uma denuncia?

Não estava bem ao caracter religioso de que se achava revestido acceitar um papel de delator.

Mas não era só isso.

Tratava-se tambem da salvação eterna de uma alma perdida nas trevas do peccado; depois, de um alto serviço á segurança publica e á humanidade, isto é, tratava-se da exterminação dos caçadores de carne humana.

E porque o frade tomasse como incidente este facto monstruoso e só cuidasse do outro, da salvação eterna, sua reverendissima, o capellão, em nome do general das armas, intimou-o, sob preceito de obediencia, a que se reportasse de preferencia ao caso dos caçadores a que alludira, e nas declarações que ia fazer e elle se dispunha a registrar por escripto, fosse sobre esse ponto o mais explicito que pudesse.

Referiu então que andando no peditorio pela aldeia proxima, se chegára a elle uma rapariga, pedindo a ouvisse de confissão, porque estava em grande peccado e tinha presentimentos de morte proxima.

Com a maior caridade se dispoz a ouvir a penitente, e confessa que esteve a ponto de lhe negar a absolvição, tão má impressão lhe causára no animo a narrativa tenebrosa da rapariga.

Todavia, condoído do seu infortunio, convencido do sincero arrependimento que lhe ia n'alma, resolveu-se a absolvel-a, sob condição de entregar ás justiças de el-rei os criminosos em poder dos quaes vivia constrangida ao crime, abjurar completamente o seu passado e fazer dura penitencia dos seus peccados.

— E ella, ella? interrompeu-o o capellão, maravilhado, cheio do maior interesse.

— Ella a tudo se conformou, concluiu o velhaco, pondo os olhos no chão e tomando a attitude beatifica de um asceta.

E proseguiu:

— Deliberei procurar então o sr. general das armas. Eu tinha conhecimento dos editos que se haviam affixado por sua ordem e não me restava a menor duvida de que os malfeitores a que elles alludiam eram os mesmos de quem a minha penitente me havia falado.

— Oh! por certo. Pensou com o maior tino, e creia que o serviço que vae prestar a esta provincia será convenientemente tomado em consideração.

— Não, não, oppoz elle, apparentando a maior abnegação; quero que vossa reverendissima guarde, a respeito do que acaba de se passar, o mais rigoroso segredo. Nada mais fiz do que obedecer a um impulso da minha consciencia, tudo pela salvação das almas. Exijo primeiro que tudo a sua palavra a este respeito. O frade só deve figurar nas cousas de Deus.

— Comprehendo os seus escrupulos, observou o capellão. Mas, vamos a saber, de que maneira essa rapariga se promptifica a entregar-nos esses scelerados?

— Da maneira mais facil.

— Combinou alguma cousa a esse respeito?

— Vossa reverendissima põe á minha disposição cincoenta homens bem armados e manda postar a entrada do pinhal velho, entre o caminho das Cruzes, uma força de cavallaria.

— Será satisfeito o seu pedido. E essa rapariga o que exige?...

— Pouca cousa. Simplesmente a liberdade de se entregar ao serviço de Deus e sua salvação eterna.

— Mandal-a-hemos para um convento.

O audacioso rapaz deteve-se um momento. Quem lhe examinasse o extranho brilho da sua physionomia, agora animada de uma satisfação mal dissimulada, diria que elle applaudira o alvitre do capellão.

— Já me lembrei d'isso, respondeu com a mais tocante gravidade.

O capellão encaminhou-se para a sua secretária, dobrou algumas folhas de papel em forma de officio, escreveu, depois tocou uma campainha, e a um dos famulos que appareceu, disse-lhe:

— Leve estes papeis a assignar ao sr. governador.

Depois voltou-se para o frade e mediu-o de alto a baixo de uma maneira protectora e magnanima, e disse:

— Meia duzia de homens como vossa reverendissima, era quanto me bastava para fazer a felicidade da minha patria.

O supposto frade não comprehendeu bem o sentido d'aquellas phrases, mas ficaram-lhe gravadas na memoria. Curvou-se agradecido, com muita humildade, e aguardou satisfeito que voltasse o famulo com os officios.

Apenas elle appareceu e tomou posse d'aquelles papeis, nada mais lhe restava a fazer do que pôr-se a caminho.

Teve porém uma idéa. Aquelle homem dera-lhe demonstrações de sympathia e testimunhos de que precisava d'elle para mais alguma cousa do que dar caça a salteadores de estrada.

Como elle, tambem aquelle padre tinha uma ambição.

Se podesse conhecel-a, tornar-se-lhe indispensavel, quem sabe, com a astucia de que era dotado, talvez um dia pudesse vir ainda a dominal-o como elle agora dominava o decrepito governador.

Curvou-se, estendendo-lhe a sua mão, e disse-lhe:

— Vossa reverendissima sem me conhecer, diz que precisava de meia duzia de homens da minha estofa. Pois bem, em me conhecendo, provar-lhe-hei então que eu só, valho por todos esses homens que deseja.

O capellão fez um movimento de surpreza, e levando o dedo ao labio inferior, respondeu com gestos de grande mysterio:

— Silencio, silencio!

O velhaco deitou o capuz para a testa, e respondeu:

— Confie em mim.

Tinha o homem que desejava e poz-se a caminho, cheio de uma grande satisfação, como quem vae entrar em vida nova.

Entretanto afagava a sua idéa favorita. Vingar-se, tornar Ondina dependente da sua vontade, tornar-se necessario á sua existencia, conquistar sobre ella todos os seus direitos de homem, pagar ao monstro do fato de pelles todos os ultrages e humilhações por que o havia feito passar.

Era para elle fora de toda a duvida que tinha nas suas mãos a sorte dos caçadores de carne humana.

Não lhe podia falhar o plano, pois que estavam agora por seu lado a força e a astucia.

— Avante, pois, bradava comsigo mesmo, quasi n'uma loucura infantil, experimentando, como nunca até alli experimentára, a suave e enervante embriaguez da felicidade!

(Continúa)

Leite Bastos.

a propriedade, vinha encontrar-se comnosco o sr. José Raymundo — o lavrador do Piornal.

Toda a seiva das organisações fortes e toda a saude que dá o convivio do campo, transpareciam n'esta physionomia insinuante e fina. Magro, nervoso, olhar vivo e rapido, nariz delgado e proeminente, testa ampla, tudo denotava que tinhamos deante de nós uma dupla organisação vigorosa — a de um lavrador e a de um artista.

Um artista que não se contenta em aproveitar a força da terra, em conhecer-lhe a riqueza, em estudar-lhe as zonas productivas d'esta ou d'aquella especialidade agricola, em amanhal-a, em cultival-a como faria um lavrador vulgar.

Faz muito mais do que isto; cultiva a arte do campo.

Identificou-se com a natureza vegetativa das plantas e dir-se-ia que participa da sorte d'ellas. Alegra-se se as vê crescidas e vigorosas, entristece-se quando estão tristes e abatidas. Como que as humanisa então insufflando-lhes a sua alma e o seu alento. Basta que vergue uma arvore velha ou doente para que elle lhe dedique todos os cuidados e todas as ternuras. Ampara-a d'este lado com um velho tronco, d'aqui levanta-lhe um espeque, em cima prende-lhe uma corda — é como um cirurgião que applicasse affectuosamente um apparelho ao braço desmanchado d'um paciente.

Tem plantas predilectas, como nós temos versos mais sentidos, e com o mesmo enthusiasmo com que recitariamos as estrophes heroicas d'um poema, assim elle descreve essas plantas, contando-nos como foram geradas, como cresceram, como elle as amou, e como hoje triumpham!

E a sua obra, a sua grande obra de arte a que poderia chamar-se com justiça o *Poema dos vegetaes*.

Tudo isto representa dez annos de trabalho, vejam — dizia-nos com enthusiasmo, e em seguida apontava-nos uma opulenta vinha d'onde cahia a uva em cachos verdes e abundantes.

Percorremos todos os arruamentos symetricamente abertos ao longo e eramos forçados a desviar os ramos dos bacellos que, como grandes braços se dobravam para nós.

Vejam agora este bocado de horta. E o aroma fresco das hortaliças principiava a confortar-nos. Sentia-se ranger a alface; a couve repolhuda abria as largas folhas; o feijão e a baje pendiam das suas latadas de cannas; as aboboras descançavam na terra o peso volumoso; os tomates rubros pareciam flocos de sangue, suspensos no ar; o aipo, a pimpinella, a salsa, os agriões, o coentro e a hortelã, formavam grupos delicados; principiavam a romper a terra cebolas grossas como melancias, polidas e raiadas como marfim; os formosos *moncos de perú* pendiam até ao chão como cordões de missanga vermelha e assetinada; e os amplos gyrasoes que circundam a horta offereciam meigamente a face ao beijo quente e matinal do astro.

Seguiam-se longas filas de arvores robustas carregadas de fructos, que entre si disputavam a grandeza e a formosura.

Os abrunhos queriam egualar-se aos limões, que olhavam com triumpho para os marmellos; as amendoas riam-se para as nozes, que queriam crescer tanto como as peras, as quaes não tinham já ciumes das maçãs, que procuravam exceder em belleza e aroma as laranjas formosas.

E que lhes parece est'outra fila d'arvores ao longo do muro? E flôres; conhecem rosas mais bellas n'esta estação? Mas esperem que ainda lhes faltava isto: — E aos nossos pés estendia-se um soberbo melancial cujos fructos estavam cobertos pelas folhas da planta como se fossem joias guardadas n'um vasto cofre vegetal.

Batiam 8 horas. O calor e o appetite impelliam-nos para o almoço.

O sol já dava na terra beijos causticos, e titilava ao longe nas folhas verdes.

Uma nora principiou então a gemer tristemente e a regar com as suas lagrimas a terra sequiosa: lembrava uma pobre mãe que padecesse e chorasse para amamentar um filho querido.

*

* *

Vamos almoçar, disse o lavrador, que já lá em cima nos esperam dois amigos — o Caieiro e o Castro.

Ora graças a Deus que não faltaram, secundámos, e dez minutos depois entravamos em casa onde o Castro dispunha por sua conta os preparativos do almoço.

Para se fazer idéa do que seria o almoço farto, aceado e alegre que o lavrador do Piornal offereceu aos seus hospedes, seria necessario, ou presenceal-o, ou... comel-o (o que não era peor) ou ao menos aspirar o aroma agradavel d'aquella succulenta sopa alemtejana a que as rodellas d'um paio magnifico davam um sabor picante e especial, d'aquella excellente perdiz, acabada de caçar e feita em molho de villão, d'aquella deliciosa gallinha recheada, de todos aquelles acepipes feitos a primor, que bastariam para anniquillar toda a culinaria estrangeira e para matar de inveja todos os cosinheiros de Portugal.

Mas, sobre este assumpto, basta, que é perigoso tratar d'elle com enthusiasmo.

Antes de dormirmos uma sesta regalada até á hora de jantar, o Castro aproveitando as suas bellas qualidades de *ciceroni* já celebres desde o almoço no *Barrocal*, mostrou-me, para frisar bem o contraste, todos os utensilios da lavoira moderna.

Pia Baptismal da Sé de Coimbra

Visitamos minuciosamente a bella vivenda feita e construida toda pelo risco do lavrador e não sabiamos o que admirar mais, se o aceio, se a artistica disposição da casa, desde o farto celleiro até á vasta cosinha.

Foi cortado de ditos, observações e gargalhadas francas, o jantar abundante e variado, durante o qual tivemos occasião tambem de apreciar a intelligencia superior de uma criança de 11 annos, filha do dono da casa, que respondeu com triumpho a todas as perguntas que lhe fizemos, especialmente sobre historia e geographia, mostrando-se tão perita n'esta ultima parte, que fez dar tremendas raias a Monsaraz, que é bacharel formado e membro da Sociedade de Geographia, e maiores ainda (o que é mais para admirar) a mim — que não sou nem uma nem outra cousa.

Jayme Victor.

RESENHA NOTICIOSA

Trovoadas. Paira já ha bastantes dias sobre o nosso paiz uma grande carga de electricidade, que ora rebenta n'um ponto, ora n'outro. As ultimas communicações dão-nos noticia da descarga que cahiu no dia 26 sobre algumas freguezias do concelho da Regoa, onde o graniso attingiu uma grandeza extraordinaria e jámais alli vista. A lastima dos lavradores é grande, porque lhe destruiu as colheitas, despojando até as mesmas videiras não só do fructo, mas da propria folha, ficando as cepas ermas, como se estivessemos no inverno. Já no dia 25 tambem outras descargas sobre o Alemtejo haviam causado prejuizos grandes, e aqui não só nos renovos, mas em pessoal, porque no sitio da Cabroeira de Coma, onde o cordão sanitario está formado por forças de infanteria 11, uma faisca matou dois soldados, e a mesma ou outras deixaram assombrados 1 cabo e 4 soldados. Coitados, ainda em cima do improbo serviço e privações que por lá passam!

Escolas industriaes. Sob a presidencia do sr. Fonseca Benevides, inspector d'estas escolas, fizeram-se no dia 27 de julho ultimo os exames na escola industrial Campos Mello, na Covilhã. Ficaram approvados todos os alumnos que fizeram exame, sendo 25 em desenho e 1 em mathematica. Destes 26 foram julgados dignos de premio 10, sendo 3 com o de 5$000 réis, 5 com o de 9$000, 1 com o de 13$500 e 1 com o de 15$000. Entre os premios dois pertencem ao sexo feminino. A distribuição dos premios far-se-ha no dia 2 de agosto, para o que se preparam grandes festejos. Por toda a parte a instituição creada pelo sr. A. A. d'Aguiar, vae produzindo os resultados que o illustrado ministro previu.

Monumento. Está quasi concluido o que o Porto está levantando no cemiterio do Prado do Repouso ao celebre corregedor Francisco d'Almada e Mendonça, que começou a reconstrucção da velha cidade e lhe imprimiu nova feição. Julga-se que a inauguração poderá realisar-se no dia 18 d'este mez.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Do Ensino Regular da Lingua Materna, etc., por Gregorio Girard, etc., traduzido em portuguez por Frederico Ferreira Correia Vaz, nova edição, premiada pela Academia Franceza. — Lopes & C.ª, editores, Porto, 1885. Pertence este livro á *Bibliotheca Pedagogica* e é um dos mais notaveis que se tem publicado, n'esta cruzada do ensino que está despertando todas as attenções e reclamando as maiores dedicações.— Gregorio Girard apresenta n'este livro o fructo de aturados estudos e longa experiencia, e foi tão altamente considerado pela Academia Franceza, que esta o premiou e lhe teceu os maiores elogios. O sr. Correia Vaz trasladando a obra para portuguez, fez um bom serviço á pedagogia portugueza, porque assim terá maior vulgarisação no paiz.

A Marqueza de Thomar, *notas biographicas* por Zephyrino Brandão, Lisboa, Typ. de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31, MDCCCLXXXV.— 30 paginas in-4.º com o retrato da sr.ª Marqueza. Este breve opusculo distingue-se primeiro, pela perfeição typographica, apanagio privativo da elegante typographia onde foi impresso, e principalmente pelo mimo com que o sr. Zephyrino Brandão, desfolhou sobre a campa da sympathica e illustrada fidalga os goivos da saudade, tecendo o elogio da dama honesta e benemerita que uniu o seu destino a um dos estadistas mais notaveis e energicos que subiram aos conselhos da corôa em Portugal, nos ultimos cincoenta annos.

Relatorio do jury do grupo viii da Exposição Agricola de Lisboa de 1884, Instrucção Agricola, Lisboa, 1885. São largas as considerações apresentadas n'este relatorio pelo sr. F. Julio Borges, secretario-relator do referido jury, as quaes concluem por indicarem a necessidade do ensino agricola, sob um plano de mais unidade dos differentes e já hoje importantes estabelecimentos officiaes de ensino agricola. A exposição assim o veio revelar, caso isso não tenha já preoccupado muitos espiritos conhecedores do assumpto. É inegavel que se tem progredido muito e que esse progresso é devido ao ensino e á sciencia agricola emanada das escolas officiaes, em que se tem empregado uma certa actividade. Cremos que o mais difficil está feito, resta vêr se o que falta é o mais facil. A leitura do relatorio deixa vêr esta questão que não podemos deixar de recommendar a quantos se interessam pelos progressos da industria agricola, a industria por excellencia.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.